

# Orquestrando vozes de gênero de estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as

Roberta de Alencar-Rodrigues

*Universidad Autónoma de Barcelona  
Barcelona, Espanha*

Marlene Neves Strey

*Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, RS, Brasil*

---

## RESUMO

Esta pesquisa discute efeitos de sentidos produzidos pelos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as acerca das concepções de gênero no país de origem e no Brasil. Fundamenta-se nos estudos de gênero e no conceito de aculturação proposto pela Psicologia Intercultural para abordar as mudanças de valores de gênero resultantes do contato com uma nova cultura. Aponta para as questões da linguagem e do discurso, ancorados na análise de discurso (AD), desenvolvida por Michel Pêcheux, utilizando sequências discursivas produzidas por estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as. As conclusões indicam que o tema da sexualidade marca o discurso dos/as participantes da pesquisa no que concerne às relações de gênero no Brasil.

**Palavras-chave:** Relações de gênero; aculturação; discurso.

## ABSTRACT

*Orchestrating gender voices of Latin American foreign student*

This research discusses sense effects produced by foreign Latin American students in relation to gender conceptions in their countries of origin and in Brazil. It is based upon gender studies and in the acculturation concept proposed by Cross-cultural Psychology to approach gender values changes resulted from cultural exchange. It addresses to language and discourse questions based on the discourse analysis (DA), developed by Pêcheux, using up discursive sequences produced by foreign Latin American students. The findings show that the theme of sexuality stands out from the participant's discourse related to gender relations in Brazil.

**Keywords:** Gender relations; acculturation; discourse.

## RESUMEN

*Orquestrando voces de género de estudiantes extranjeros/as latinoamericanos*

Esta investigación aborda los efectos de sentidos producidos por los/las estudiantes extranjeros/as latinoamericanos/as sobre las concepciones de género en el país de origen y en Brasil. Para comprender los cambios de valores de género que resultan del contacto con una nueva cultura, este trabajo se asienta en los estudios de género y en el concepto de aculturación propuesto por la Psicología Intercultural. Se consideran las cuestiones del lenguaje y del discurso fundamentados en el análisis del discurso (AD) elaborado por Michel Pêcheux, y el foco de atención se sitúa en las secuencias discursivas producidas por los/las estudiantes extranjeros/as latinoamericanos/as. En conclusión, se puede observar que el tema de la sexualidad marca el discurso de los/las participantes en la investigación por lo que respecta las relaciones de género en Brasil.

**Palabras-clave:** Relaciones de género; aculturación; discurso.

---

As migrações humanas sempre estiveram presentes na história da humanidade. Considerando que, por muito tempo, a história privilegiou a experiência dos homens como sendo a norma, isso contribuiu para que a trajetória das mulheres no contexto dos deslocamentos humanos também fosse omitida. Nesse sentido, no

presente artigo, pretendemos dar voz às experiências de estudantes estrangeiras latina-americanas no Rio Grande do Sul, Brasil, mostrando como percebem as questões de gênero no seu país de origem e no Brasil. Do mesmo modo, também apresentaremos as percepções dos estudantes estrangeiros latino-americanos no que

concerne às concepções de gênero, pois temos como alerta o caráter relacional da categoria gênero, a qual focaliza a experiência das mulheres, tomando como referência sua relação com os homens (Kosminsky, 2004).

Semelhante à nossa proposta, Moreira Leite (1980) pesquisou os registros de mulheres européias deixados em livros de viagens, no século XIX, sobre a sua própria condição e as observações que faziam sobre as mulheres encontradas no Brasil. Ao realizar o seu levantamento dos/as autores/as de livros de viagem ao Rio de Janeiro, no século XIX, Moreira Leite se deteve na obra de cinco autoras, procurando examinar as características atribuídas às mulheres encontradas no Rio de Janeiro. Através da documentação pesquisada, constatou que as mulheres européias, no século XIX, se surpreendiam com a ausência da mulher brasileira branca e rica nas ruas. Além disso, identificou uma prevalência de relatos que se referiam aos traços físicos, à indumentária e a moralidade da mulher brasileira. Nesses registros, a moralidade da brasileira denota interesse pelas aparências, comportamento social inadequado e pouca educação. Apesar dessa pesquisa ter sido realizada apenas com documentações de mulheres, ela mostra que, já em tempos remotos, as estrangeiras que estiveram aqui no Brasil faziam comparações acerca da condição de ser mulher no seu país e no Brasil.

Temos em vista que os/as participantes da presente pesquisa, ao entrarem em contato direto com membros da cultura hospedeira, vivenciam um processo de mudança, que Padilla e Perez (2003) denominam de aculturação. Para Valentine e Mosley (2000), aculturação é um processo social composto de mudanças culturais que ocorrem depois de indivíduos de diferentes culturas entrarem em contato contínuo, sendo medida pelo grau em que a pessoa aceita a cultura do país hospedeiro. Como a aculturação é um construto multidimensional, contingente a variáveis do contexto social e diferenças individuais (Félix-Ortiz, Newcomb e Myers, 1994; Valentine e Mosley, 2000), ela deve ser avaliada a partir de múltiplos domínios como linguagem, valores, comportamento, familiaridade com a cultura hospedeira e de origem. Nessa perspectiva, reside o nosso interesse em investigar como os valores de gênero são questionados após inserção na cultura brasileira, uma vez que as expectativas de gênero podem se configurar em arenas conflitantes, dependendo do contexto cultural no qual estão interagindo (Pyke e Johnson, 2003). Com isso, sabemos que estamos abrindo espaço à multiplicidade de vozes, visto que as crenças acerca do comportamento de homens e mulheres variam entre membros de diferentes culturas (Acuña e Bruner, 2001).

Partimos do consenso entre as teóricas em conceber o gênero segundo seu caráter relacional, rejeitando o determinismo biológico (Burin, 2004; Pereira, 2004; Scott, 1995; Strey, 2001). Como perspectiva relacional, concordamos com Lyra e Medrado (2000, p. 147), ao afirmarem que “os gêneros masculino e feminino não podem ser pensados como entidades em si, mas como construções interdependentes”. Esses autores também postulam que admitir a dimensão relacional do gênero permite provocar rupturas em discursos culpabilizantes sobre o masculino e, assim, deixamos de procurar culpados e passamos a dirigir o nosso olhar à construção das relações.

Essa possibilidade de ruptura entre o natural e o cultural foi demarcada a partir do clássico *Segundo Sexo*, escrito por Simone de Beauvoir (1980, p. 9), com a sua consagrada frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A partir disso, os esforços das feministas têm sido em desmistificar a concepção natural da diferença entre os sexos, elucidando a inexistência de uma essência feminina, o que rompe com a crença do determinismo biológico (Pereira, 2004; Scott, 1995; Strey, 2001).

Entretanto, rejeitar o determinismo biológico não implica em negar que o gênero se constitui sobre os corpos sexuados (Louro, 1997). Com esse entendimento, a autora explica que o conceito de gênero incide na construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. A partir desse referencial, entendemos, de acordo com Heilborn (1998, p. 53), que “as concepções sobre a diferença sexual não abolem o fato de que existe uma diferenciação nos corpos”. Sendo assim, não são os atributos sexuais, mas o modo como eles são interpretados, representados e valorizados que vão designar o que é feminino ou masculino num dado momento histórico.

Por sua vez, Lauretis (1994, p. 208) amplia o modo de conceber o conceito de gênero, ao propor “um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais; um sujeito “engendrado” não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe”. Com isso, essa autora introduz a possibilidade de definir o sujeito por via da multiplicidade e não da unicidade.

Temos como alerta as considerações de Louro (1997), ao destacar que a característica relacional do conceito de gênero não deve ser tratada como se referindo à constituição de papéis masculinos e femininos, pois a noção de papéis pode ser simplista e reducionista. Assim, pretendemos abordar o gênero, neste artigo, através da forma que os/as participantes percebem as relações sociais de gênero no Brasil e no país de origem, transcendendo o mero desempenho de papéis.

O objeto dos Estudos de Gênero sofreu transformações, pois, primeiramente, as mulheres consistiam o seu objeto empírico, deslocado, posteriormente, para objeto teórico gênero (Pereira, 2004; Strey, 2004). Essa mudança possibilitou que outros sujeitos, como homens, gays, lésbicas e transexuais fossem incluídos nesse campo de investigação. Como bem dizem Lyra e Medrado (2000, p. 147), “o objeto dos estudos de gênero é mais amplo. Sendo assim, faz-se necessário uma análise em todos os níveis, âmbitos e tempos, das relações mulher-homem, mulher-mulher, homem-homem para se alcançarem melhores e maiores resultados”.

A ampliação do campo dos Estudos de Gênero permite que a experiência de sofrimento de alguns homens seja analisada, uma vez que a masculinidade pode ser fonte de prazer e privilégio para alguns, enquanto para outros pode significar dor e alienação (Lyra e Medrado, 2000). Isto é, devemos levar em conta que muitos homens suprimem suas emoções de cuidar dos outros, de ser receptivos e empáticos. E ainda, Heilborn e Carrara (1998) asseveram que o homem que é tímido na questão da iniciativa em relacionamentos pode ser um tipo de vítima estrutural das relações de gênero.

O denominador comum nas diversas abordagens sobre gênero, além do consenso quanto ao seu caráter relacional e histórico, é o interesse em problematizar como as relações de poder inscritas precocemente na experiência do sujeito se expressam nas relações sociais injustas (Burin, 2004). Essa característica condiz com a segunda proposição de Scott (1995, p. 86) em sua teorização sobre o gênero, ao defini-lo como “é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Isto é, a possibilidade de desvendar posições e hierarquias opressivas, na qual o desigual e o diferente têm sido tratados historicamente como inferiores, sem valor (Pereira, 2004). E, desse modo, buscando a emancipação desses indivíduos que estiveram reprimidos/as por estruturas de poder (Butler, 2003).

Lauretis (1994) enfatiza que o gênero é a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, a um grupo, a uma categoria. Nesse sentido, o gênero está embebido de relações de poder, nas quais os homens e mulheres sofrem os efeitos dessa relação de modo diferente. Isto é, “ser do gênero feminino ou masculino implica estar no mundo de modos diferentes do ponto de vista concreto e simbólico” (Louro, 1995, p. 123).

Não temos a pretensão do convencimento, ao trazer aqui algumas leituras do conceito de gênero, pois nos ancoramos em Butler (2003, p. 37), ao defender

que o “gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada”. Com essa afirmação, a autora reitera que as “identidades são abandonadas, segundo as propostas em curso”, o que nos leva a introduzir o conceito de identidade, que abordaremos, neste trabalho, como algo provisório, fragmentado, fluido, inacabado, contraditório e não fixo (Hall, 2000; Silva, 2001; Woodward, 2001). Nesse intuito, valendo-se do gênero como fator constituinte da identidade do sujeito (Louro, 1997), é oportuno insistir no conceito de identidade, uma vez que os/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as, ao virem para o Brasil, experimentam a instabilidade e precariedade da identidade.

## MÉTODO

A decisão em realizar uma pesquisa qualitativa decorre do fato de esta investigação estar fundamentada em dados sociais, construídos através de um processo de comunicação entre as pesquisadoras e os/as participantes deste estudo. Na definição do método, escolhemos o delinamento de caráter exploratório, a fim de atender ao objetivo do estudo que é conhecer se existem influências da cultura brasileira nas relações de gênero de estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as. Com essa proposta, consideramos que será possível conhecermos as concepções de gênero dos/as participantes no seu país de origem e no Brasil.

Os/as participantes deste estudo foram seis estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as, regularmente matriculados/as em cursos de graduação ou pós-graduação de instituições de ensino superior do Rio Grande do Sul. Optamos pela nomenclatura estrangeiro/a, devido ao fato de possuírem o visto temporário IV fornecido pela Polícia Federal a estudantes de outros países. Contatamos inicialmente esses/as participantes através dos departamentos encarregados pelo registro deles/as nas universidades, porém esses locais não podiam nos disponibilizar informações por medida de sigilo. Diante disso, resolvemos divulgar a pesquisa por meio de cartazes distribuídos nos prédios de uma universidade pública e de uma universidade privada do Estado do Rio Grande do Sul. Com efeito, alguns/mas estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as entraram em contato com a primeira autora através de email ou telefone, e a partir desse contato prévio, agendamos entrevista, caso eles/as consentissem em participar da pesquisa.

Sendo assim, entrevistamos participantes provenientes de países da América Latina (Chile, Equador, Nicarágua, Paraguai, Peru), com idade entre 21 e 36 anos, e o tempo de permanência no Brasil

de 1 a 10 ano/s. Antes de nos debruçarmos sobre o material obtido através das entrevistas, é pertinente descrevermos nossos/as participantes<sup>1</sup> para que, no momento de análise dos dados, tenhamos em mente as condições de produção do discurso. Mercedes, chilena, 30 anos, cursa pós-graduação em Ciências Sociais numa universidade pública. Silvina, peruana, 28 anos, é estudante de pós-graduação em Ciências Econômicas de uma universidade pública. Já Dariana, equatoriana, 21 anos, é aluna da graduação de uma universidade particular. Gaston, peruano, 26 anos, estuda num curso de pós-graduação em Ciências Agrárias e Veterinárias numa universidade pública. Hernan, paraguaio, 24 anos, é aluno de Engenharia de uma universidade particular. Por fim, Salvador, nicaraguense, 36 anos, também estuda Engenharia numa universidade particular.

Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas realizadas em local combinado com os/as estudantes. O procedimento iniciava com uma pergunta igual para todos/as participantes: “Como você percebe os homens e as mulheres no Brasil e no seu país?”, visando responder nosso objetivo de conhecer se existem influências da cultura brasileira nas relações de gênero de estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as. As entrevistas foram gravadas e transcritas mediante o consentimento de cada participante, que também assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A análise dos dados baseia-se na abordagem discursiva de Michel Pêcheux. É uma teoria que trabalha com a determinação histórica dos processos de significação, isto é, debruça-se sobre os processos e as condições de produção da linguagem, levando em conta a sua exterioridade e historicidade (Grantham, 2005).

A Análise de Discurso é uma teoria que trabalha com as relações de contradição entre a Psicanálise, Materialismo Histórico e Linguística, buscando repensar alguns conceitos introduzidos por essas disciplinas (Ferreira, 2001). A Psicanálise contribui ao instaurar a noção de sujeito ao invés de indivíduo (Grantham, 2005), o Materialismo Histórico imprime seu legado ao inscrever na língua a história, produzindo discursividades (Pfeiffer, 2005) e, por sua vez, a Linguística “procura mostrar que a relação entre linguagem, pensamento e mundo não é direta, nem se faz termo-a-termo” (Grantham, 2005, p. 138). O sujeito da análise de discurso é não-empírico, não universal, não coincidente consigo mesmo, constituído na interação, composto por uma heterogeneidade de discursos (Fernandes, 2005; Grantham, 2005).

Desse modo, percebe-se o caráter interdisciplinar da Análise de Discurso, que, trabalhando no entrecruzamento desses três campos do conhecimento,

elege um novo objeto: o discurso. Orlandi (2005, p. 11) reitera que Pêcheux concebe o discurso como sendo “efeito de sentidos entre locutores, um objeto socio-histórico em que o linguístico está pressuposto. Critica a evidência de sentido e o sujeito intencional que estaria na origem do sentido”.

O termo discurso é usado por Pêcheux (1990a) em detrimento da palavra mensagem, pois nunca o discurso é uma transmissão de informação entre A e B, mas sim um efeito de sentido. Logo, A e B são lugares determinados na estrutura de uma formação social, não correspondendo à presença física, individual e humana. No processo discursivo, atuam as formações imaginárias que A e B atribuem como lugar a si e ao outro, a imagem que eles/elas têm de si e do outro (Pêcheux, 1990a, p. 82). Tais proposições são reiteradas por Santos (2005), ao considerar a Análise de Discurso uma disciplina interpretativa que existe produzindo efeitos.

Grantham (2005) chama atenção ao fato de que “a percepção é sempre atravessada pelo “já ouvido” e o “já dito”, através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas” (Pêcheux, 1990b, p. 85), o que significa, segundo Orlandi (2005, p. 11), que o “já dito torna possível todo o dizer”. Orlandi explica que o conceito de interdiscurso proposto por Pêcheux refere-se à memória discursiva, na qual há presença de diferentes discursos originários de distintos momentos da história e de distintos lugares sociais inscritos no interior de uma formação discursiva (Fernandes, 2005).

Formação discursiva jamais é homogênea, pura e coesa, sendo edificada por diferentes discursos (Fernandes, 2005; Pfeiffer, 2005) que manifestam uma determinada formação ideológica em uma situação de enunciação específica (Ferreira, 2001). O sentido do discurso está atrelado às condições de produção e às posições ideológicas no qual foi produzido. E esses sentidos mudam “segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (Pêcheux, 1995, p. 160).

Os pressupostos da Análise de Discurso propostos por Pêcheux parecem coerentes com as proposições dos Estudos de Gênero, pois ambas as abordagens consideram a historicidade e o contexto como ingredientes constituintes das práticas sociais. Isso equivale a dizer que a concepção do que é ser mulher numa dada sociedade depende das condições de produção em que ela está inserida. Ainda, os Estudos de Gênero são consoantes à proposta da Análise de Discurso, pois ambos os construtos se propõem a questionar proposições ilusórias acerca de um sujeito universal. A forma como o processo de aculturação ocorre depende das condições da sociedade de acolhida, do mesmo modo que o discurso é produzido

de acordo com as condições de produção. Isto posto, passamos, a seguir, a discutir as relações de gênero no Brasil e no país de origem segundo a percepção dos/as entrevistados/as.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ler as entrevistas na perspectiva das posições de sujeito permite perceber o funcionamento dos discursos, manifestados como saberes materializados linguisticamente que têm existência na sociedade (Mutti, 1999). Desse modo, é necessário identificar os temas do discurso que os sujeitos-participantes desta pesquisa fazem emergir. A partir dessa identificação, procura-se relacionar os temas detectados como enunciados discursivos com a posição de sujeito na sociedade. Isto posto, o sujeito-participante é capaz de posicionar-se, revelando sua concordância ou discordância frente aos tópicos abordados nas entrevistas.

Temos em vista que a sociedade estabelece normas consideradas senso comum, que ensinam a que gênero cada sujeito pertence (Rodrigues, 2003). Entretanto, Strey (2001) chama atenção ao fato de que o gênero como construção cultural implica tratar categorias simbólicas de ler, interpretar a realidade que ainda se dá de forma unilateral, por um ângulo masculino. Assim, não importa apenas considerar a posição de quem fala, pois mesmo a ótica das mulheres pode dar-se através de lentes machistas. Para tanto, buscamos analisar os efeitos de sentido que caracterizam as posições que os sujeitos assumem no discurso, partindo do “fio do discurso”, onde marcas linguísticas apontam as relações interdiscursivas. Nessa perspectiva, selecionamos abaixo um recorte de entrevista que tematiza aspectos relativos à concepção do gênero no Brasil e no país de origem do entrevistado:

(1) *“no Brasil, as mulheres são mais preocupadas com o campo profissional, desenvolvimento pessoal e bastante dominadoras (...) mais determinada que as peruanas que se preocupam mais com a casa, os filhos, que também é bom, né, tipo, tu tem uma boa criação e tal, os filhos são mais criados em casa mesmo, com as mães sempre do lado, faz com que os filhos saiam bonzinhos (...) as mulheres no Peru, em geral, terminam a graduação, se elas fizerem mesmo a graduação e terminam criando os filhos e isso aconteceu com minha mãe, ela se sentiu frustrada até agora e ela terminou cuidando dos filhos.”* (Gaston, peruano)

Os efeitos de sentido encontrados no discurso de Gaston deslizaram entre diferentes posições-sujeito, o que torna a sua fala ambígua e contraditória. Por um lado, ele valoriza o fato das mulheres brasileiras

se preocuparem mais com o campo profissional do que as mulheres peruanas e, ao mesmo tempo, credita vantagens às mulheres peruanas que ficam em casa cuidando dos filhos para que se tornem bonzinhos. Ao cortar o seu enunciado com a expressão “que também é bom, né”, ele demonstra sua posição a favor de que a mulher se preocupe com a casa e os filhos, apesar de considerar que a sua mãe ficou frustrada por ter concluído o curso superior e não ter podido trabalhar para cuidar dos filhos.

O fragmento de entrevista (1) nos remete ao modelo de Maria, elemento da cultura latina, o qual prescreve como valores femininos o autossacrifício, a submissão aos homens, ser boa mãe e esposa (Baldwin e DeSouza, 2001). Isso sinaliza a necessidade de desconstruir discursos naturalizados que associam o gênero feminino e cuidado para com a criança, como se a maternidade e o amor à criança fossem da natureza dos instintos das mulheres (Lyra e Medrado, 2000). Com esse entendimento, percebemos que a naturalização de modelos restringem homens e mulheres, uma vez que as mulheres se sentem obrigadas a corresponder ao modelo de boa mãe, cuja máxima ser mulher é ser mãe, e os homens ficam impedidos de ter uma relação mais afetiva com sua prole.

E também faz uma pausa para refletir quando diz “se elas fizerem mesmo a graduação”, o que denota que, dependendo da posição, as mulheres não precisam aprofundar os estudos. Considerando que a imigração pode contribuir para a manutenção dos antigos padrões (Kosminsky, 2004), é possível, nesse caso, supor que a vivência de Gaston no Brasil pode levá-lo a reforçar sua concepção de mulher conforme padrões da cultura peruana.

A fala (1) carrega o efeito de conservação da mãe cuidadora, herança do legado patriarcal que prescreve às mulheres a reclusão no espaço doméstico. Isso denuncia a sociedade machista que não oferece as mesmas oportunidades aos homens e às mulheres, destinando as atividades de infraestrutura às mulheres, as quais ficam impedidas de “vãos mais altos que as situem em lugares de destaque” (Mutti, 1999, p. 136).

Por outro lado, Mercedes, chilena, percebe as mulheres brasileiras como mais matriarcais, pois “os filhos podem estar bem grande já adultos e elas continuam assistindo, de estar para sempre na vida dos filhos”. As posições diferentes assumidas por Mercedes e por Gaston nos mostra que deixar o/a outro/a falar é incitar os sentidos à multiplicidade, e não é privilegiar um só lugar onde chegar. Desse modo, são atribuídos sentidos diversos às mulheres brasileiras, tanto da mãe cuidadora quanto da profissional dedicada, dependendo da historicidade daquele/a que fala. Isso significa que os sujeitos manifestam posições às quais se filiam ou

com que se identificam. Esse contraste de discursos nos remete a Louro (1997, p. 23), ao expor que “as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos étnicos, religiosos, raciais que a constituem”. Com tal fato, Nicholson (2000) também concorda, pois defende que não podemos esperar que o sentido de mulher em uma sociedade deva ser verdadeiro em qualquer outro lugar ou através de períodos históricos.

A percepção de que as mulheres brasileiras são mais dominadoras nos relacionamentos assumiu outra roupagem para Hernan, paraguaio. Segundo ele, as mulheres no Brasil são mais rancorosas, pois sempre lembram-no se ele fez algo errado, o que não acontecia com as suas namoradas paraguaias. Esse participante considera sua irmã, no Paraguai, “tipo brasileira (...) pediu uma coisa e tem que conseguir”, o que sugere que foi capaz de deslocar sentidos prontos em relação às paraguaias, a partir da sua historicidade, produzindo novas significações para sua irmã. Desse modo, por mais que afirme que as paraguaias “são mais atenciosas”, sua opinião manifesta resistência a esse sentido do discurso, pois a inserção em outras formações discursivas o leva a visualizar outra posição e reconhecer que, pelo menos, sua irmã é mais determinada.

Considerar as mulheres do seu país de origem mais atenciosas é uma percepção com a qual Salvador, nicaraguense também compartilha, ao revelar que “a mulher respeita muito o seu marido”. Isso parece silenciar que as mulheres brasileiras, por serem mais dominadoras, podem gerar a impressão de que não respeitam tanto seus maridos.

Uma vivência que causou estranhamentos nos participantes Hernan e Salvador foi a questão do ficar,<sup>2</sup> porém essa experiência produziu sentidos diferentes. Hernan, paraguaio, percebe as mulheres brasileiras “aqui são um pouco mais fáceis” e revela que ficou “*apavorado*” com a questão do ficar, porém a nova posição-sujeito ocupada promove rupturas no seu discurso tradicional e o leva a assimilar a cultura local, o que fica bem representado quando fala “eu não tava acostumado aqui, tipo, foi incorporado assim o negócio de ficar (...) eu cheguei aqui, tu fica apavorado, mas bom, tudo bem, vamos lá, né”. Desse modo, ele se constrói a partir de outros discursos, arranjando e desarranjando seu lugar social e sua forma de ser e estar no mundo (Louro, 1997).

Mesmo comungando da mesma opinião de Gaston, Salvador preserva-se assujeitado às mesmas formações discursivas em que se inscrevia na Nicarágua ao reiterar que lá “não tem essa de ficar (...) no meu país era namorar”. Nas palavras

desse participante, “foi uma coisa estranha para mim” ficar com uma garota brasileira que no dia seguinte lhe disse não ter mais interesse e que a noite que ficaram “só foi uma noite”. Mesmo se assujeitando ao discurso tradicional tem condições de significar essa experiência migratória. Esses dados confirmam Baldwin e DeSouza (2001) quando afirmam que o Brasil é uma sociedade estereotipicamente sexualizada.

Por meio da análise das histórias relatadas pelos/as participantes desta investigação, percebemos que ecoam nos seus discursos formações discursivas patriarcais no que diz respeito às relações sociais de gênero na Nicarágua, no Peru e no Paraguai, onde as mulheres assumem, na maioria das vezes, posições periféricas e invisíveis. Tais relatos indicam que a imagem das mulheres em alguns países ainda está atrelada à figura da Virgem Maria, personagem influente na história da América Latina, que contribui para que as mulheres sejam trabalhadoras em casa, autossacrificantes, dedicadas à maternidade. Porém, a possibilidade de deslocar suas posições-sujeito instaura uma nova forma de reconhecer as mulheres como também dominadoras, determinadas profissionalmente. Entretanto, essa nova posição coexiste ao lado da posição tradicional de creditar vantagens às mulheres atenciosas, que cuidam dos filhos e respeitam os maridos. Diante desses achados, torna-se imprescindível romper com essa delimitação clara de papéis e modelos, que, mesmo com as conquistas dos movimentos de mulheres e das transformações ocorridas no campo da sexualidade e reprodução, ainda atribui à mulher a natureza afetiva e maternal (Lyra e Medrado, 2000). Da mesma forma, faz-se necessário questionar a falta da inclusão do pai na esfera do cuidado das crianças.

As protagonistas do discurso são também ativas na produção de sentidos na linguagem. Ao falarem sobre suas percepções acerca das relações de gênero no Brasil e no país de origem, posicionam-se sobre as questões sociais representadas no discurso, participam da construção social dos sentidos, como podemos verificar na formulação a seguir:

- (2) “*é um pouco mais rápida, na hora de namorar do que nós, né. No meu país, a gente gosta de namorar, que o cara te convide ao cinema, daí um café, tudo isso. Eu acho que, no Peru, a gente fica muito dependente, né, dos nossos esposos, maridos, namorados, então eu acho que tem uma diferença que a mulher aqui é mais liberal. Uma coisa assim, que eu acho excelente, que é vaidosa a mulher assim, a mulher aqui se cuida muito e eu acho isso muito legal assim (...) eu imito isso, às vezes, um pouco, tento me arrumar.*” (Silvina, peruana)

No discurso de Silvina, coexistem posições de sujeito diversas, representadas na materialidade linguística. Essa heterogeneidade de vozes diferentes que se abrigam no seu discurso fica marcada na tensão de seu pronunciamento que oscila entre aplaudir as mulheres brasileiras que se cuidam mais e a crítica ao fato de serem mais fáceis para namorar. Seu discurso acentua que são os homens que devem tomar iniciativa num relacionamento, o que “vem ratificar a naturalização dessas representações hegemônicas do homem em nossa sociedade, confirmando o senso comum de que o homem deve conquistar parceiras” (Dutra, 2003, p. 139).

Ao mesmo tempo que ela se vê capturada pela formação discursiva patriarcal dominante, que prescreve subordinação aos homens, ao referir que, no Peru, as mulheres são mais dependentes de seus maridos, namorados, ela também tenta imitar as mulheres brasileiras no que concerne ao cuidado com a aparência, instaurando um sentido diferente. Entretanto, a ocupação dessa nova posição é conquista ainda tímida. O fato de nomear e reconhecer comportamentos diferentes é também visualizar outra posição, a qual é também ocupada por Dariana, equatoriana, que percebe as mulheres brasileiras “muito mais preocupadas com a parte estética, que têm uma cultura do corpo, daquela coisa de malhação, de todo mundo entra na academia”. É importante pontuar que as construções culturais são relativas, uma vez que embora as representações da mulher brasileira na França sejam sobretudo ligadas ao corpo e às práticas corporais, elas também são vistas como patriarcais (Santos, 2006). Nesse sentido, fica ilustrado o contraste entre as construções culturais, pois as brasileiras, nesta pesquisa, são percebidas como mais liberais pelos/as participantes estrangeiros/as latino-americanos/as, e, por outro lado, conforme Santos (2006), são consideradas machistas pelos/as franceses.

Nesta pesquisa, ficou constatado que alguns/mas participantes mostram-se apegados ao modo tradicional de namorar, e se pode inferir que o efeito de sentido do compromisso está vinculado aos discursos dos/as participantes Silvina, Hernan e Salvador. Nessa perspectiva, Dariana, equatoriana, considera que “aqui as pessoas vivem a sexualidade de uma forma muito diferente assim (...) pelas experiências das amigas que moram comigo hoje (...) Então, a vida sexual também começa muito mais rápido, né?”, o que evidencia que a língua como ferramenta imperfeita deixa sempre brechas para outros sentidos. A dubiedade inscrita na interrogação feita por Dariana sugere que ela coteja posições diferentes, negando implicitamente uma delas e assumindo explicitamente seu posicionamento, através do “né”, de que a vida sexual aqui começa muito mais rápida.

De modo geral, identificamos que a sexualidade, como característica da cultura brasileira, foi um tema recorrente nos discursos dos/as participantes. Estudos também revelam que a sexualidade é percebida e vivida de modo diferente no Brasil, comparado a outros países (Baldwin e DeSouza, 2001; DeSouza e Hutz, 1996; DeSouza, Pierce, Zanelli e Hutz, 1992). Baldwin e DeSouza (2001) afirmam que a sexualidade é muito mais prevalente nas conversas em público e na mídia no Brasil do que nos Estados Unidos. Já DeSouza, Pierce, Zanelli e Hutz (1992) pontuam que os/as brasileiros/as reagem ao estímulo sexual social num modo mais estereotipado e erotizado que os/as participantes americanos/as. Enquanto DeSouza e Hutz (1996) explicam que, muitas vezes, no Brasil, quando um homem faz avanço sexual e uma mulher não se mostra resistente na recusa do convite, eles acreditam que elas estão concordando com a relação sexual.

Além desses estudos, cabe destacar que, no período entre 1800 e 1850, já constava nos relatos das viajantes estrangeiras que estiveram no Brasil reflexões acerca do comportamento brasileiro (Moreira Leite, 1980). Essa autora, ao analisar os textos escritos pelas viajantes, identificou dois estereótipos sobre os costumes das mulheres brasileiras: a reclusão e a religiosidade. A reclusão foi observada por não perceberem mulheres nas ruas, no domínio público, enquanto atribuíam a religiosidade ao comportamento feminino de sair de casa apenas para ser batizada, casar e ser enterrada. Por outro lado, os/as participantes da nossa pesquisa sinalizam os saltos qualitativos empreendidos pelas brasileiras, como o fato de serem mais preocupadas com o campo profissional e mais ativas nos relacionamentos, se comparadas às mulheres de seus países. Mesmo que atualmente ainda persistam as desigualdades entre homens e mulheres no Brasil, fazer menção à pesquisa de Moreira Leite (1980) e compará-la à realidade vigente nos dá um alento das conquistas femininas alcançadas.

Como os sentidos variam à medida que são formulados e (re)formulados na enunciação, isso permite que Dariana assuma posições sujeitos que se defrontem, pois as mesmas mulheres brasileiras consideradas rápidas na questão do início da vida sexual também são vistas como mais conservadoras quanto à moda e à visão de mundo. Vejamos a seguir a formulação que pode escapar ao controle:

- (3) “*meio conservadora assim (...) as meninas quase todo mundo assim tem cabelo comprido, tu nunca vai ter uma coisa exótica no cabelo (...) aqui eu acho careta assim, (...) uma coisa que me impressionou foi o fato de que quando eu cheguei aqui (...) várias meninas me falaram como assim, tu deixou tudo lá,*

*não tem medo, (...) como tu consegue viver sem a tua família?”* (Dariana, equatoriana)

Desse modo, a heterogeneidade característica do discurso favorece à participante resvalar em posições divergentes em relação às mulheres brasileiras. Nesse caso, a realidade contraditória que se interpõe reclama um outro efeito de sentido, que é o das mulheres brasileiras conservadoras.

Que outro endereçamento esses discursos atravessados por vozes distintas tentam nos comunicar? Talvez Lauretis (1993, p. 121) tenha um esclarecimento a essa questão, ao propor que “assumir o papel da contradição significa para as mulheres demonstrar a não-coincidência da mulher com as mulheres”, o que desmistifica a crença de que o termo mulheres denota uma identidade comum. Isso nos faz concordar com Butler (2003), quando afirma que não se almeja a unidade da categoria mulheres, e sim sua incompletude.

Consoante a Lauretis, Nicholson (2000) também se opõe à idéia de que a palavra mulher tenha um sentido definido. Para tanto, essa autora cita a metáfora do jogo sugerida por Wittgenstein, para explicar como entende o sentido de “mulher”. Conforme Nicholson, Wittgenstein descreve que os jogos de carta e tabuleiro podem, por exemplo, compartilhar relações possíveis, semelhanças e correspondências, entre eles, nas suas regras, porém não há aspectos comuns a todos. Assim, o significado do termo jogo, tendo em vista os diferentes tipos de jogos, é revelado não a partir da conceituação de uma determinada característica, mas através de uma complexa rede de características. Transpondo essa metáfora para o sentido da aceção mulher, Nicholson (2000, p. 35) aconselha que pensemos o sentido de “mulher” do mesmo modo que Wittgenstein refletiu sobre o sentido do jogo, isto é, como palavra cujo sentido não é encontrado através da elucidação de uma característica específica, mas através da elaboração de uma complexa rede de características.

Encaminhando-se uma análise que privilegie o processo de produção de sentidos pelos sujeitos e que centre-se nas marcas linguísticas que fazem referência ao modo de ser homem no Brasil e no país de origem, encontramos os seguintes recortes discursivos:

- (4) *“eu acho que o nicaraguense dá muito mais valor (...) pelo do que ter passado (...) brasileiro se preocupa por coisa fútil, sabe, não sei, tem que ter festa, futebol, (...) de pegar mulher; quantas mulheres está pegando, se já pegaste fulana, aí deixa de estudar, eu vejo agora um monte de guri reprovando, sabe.”* (Salvador, nicaraguense)
- (5) *“Eu acho que o homem peruano e o homem brasileiro são machistas. No Peru, também tri machistas, aqui também, eu já vi.”* (Silvina, peruana)

O enunciado (4) e a impressão de Gaston, peruano de que “o homem brasileiro um pouco relaxado, um pouco relaxadinho (...) eles vão inventar uma desculpa para deixar de trabalhar ou sair para festa entendeu” parece representar a perplexidade desses participantes frente a detalhes que poderiam abalar o estatuto firmado da construção da masculinidade hegemônica pautada em valores como trabalho, fugindo à determinação do homem provedor. Por outro lado, os/as demais participantes não encontram diferenças entre os homens brasileiros e os homens de outros países, pois defendem que ambos assumem uma roupagem machista. Baldwin e DeSouza (2001) concordam que o machismo seja um elemento da cultura latina, na qual impera a hierarquia comportamental do homem sobre a mulher. Entretanto, os discursos aqui assinalados nos encaminham numa outra direção, onde as mulheres brasileiras também podem ser mais decididas profissionalmente e ativas nos relacionamentos.

Diante dessa realidade, a predominância dos discursos confina os homens à posição machista, o que é reforçado positivamente pela sociedade na América Latina (Diekman, Eagly, Mladinic e Ferreira, 2005). Esses/as pesquisadores/as examinaram se as transformações políticas ocorridas no Brasil e no Chile impulsionaram mudanças nos papéis de gênero, através da aplicação de questionários em 414 homens e 387 mulheres no Chile, 270 homens e 270 mulheres no Brasil e 286 homens e 272 mulheres nos Estados Unidos. Nesse estudo, ficou constatado que todos/as informantes de todos os países identificam o aumento das características masculinas nas mulheres e decréscimo de características femininas nelas. E, no Brasil e no Chile, os/as participantes da investigação de Diekman et al. (2005) reportaram perceber os homens ganhando características masculinas, o que, de alguma maneira, retrata também a ótica da maioria dos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as da nossa pesquisa acerca dos homens no Brasil e no seu país de origem.

É oportuno considerar que as noções de papéis de gênero apresentadas aqui não são homogêneas, uma vez que estão condicionadas às diferentes formas de socialização vividas pelos/as participantes desta pesquisa. Sendo assim, as concepções de gênero no Brasil e no país de origem ilustradas aqui sofrem influência das condições de produção, como, por exemplo, a classe social, grupo étnico e idade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo a incursão nas entrevistas dos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as, concluímos, sem fechar o debate, que as relações



de gênero são interpretadas nos países de origem, especialmente no Peru, no Paraguai e na Nicarágua, como mais estereotipadas, pois estão assentadas em ditames patriarcais. Entretanto, o contato com a cultura brasileira promove que esses/as participantes cotejem diferenças, o que contribui para o aparecimento de novas designações discursivas, posições diferentes. Nesse sentido, cruzar fronteiras implica também revisar concepções acerca do modo de ser homem e mulher por meio da ação do seu discurso (Coimbra, 2003).

O encontro intercultural estimulou um movimento tímido de ruptura do modelo de mulher do discurso patriarcal por parte de alguns/mas entrevistados/as, após reconhecerem uma nova forma de ser mulher. Isto é, podemos afirmar, neste estudo, que os desafios relacionados às expectativas de gênero, ainda são incipientes. A prevalência da visão essencialista e naturalista de gênero sinalizam a necessidade de discursos emancipatórios que ofereçam alternativas ao modelo hegemônico patriarcal do modo de ser homem e mulher (Dutra, 2003). Uma transformação efetiva dos modelos dominantes de masculinidade e feminilidade só será alcançada, se transpusermos barreiras ideológicas e culturais (Lyra e Medrado, 2000).

Nesse cenário, torna-se importante entender que os estereótipos se formam e se mantêm pela observação de papéis sociais desempenhados pelas pessoas, e que o fato de existirem mais homens machistas e mais mulheres restritas ao espaço doméstico é responsável pela existência dos estereótipos acerca do comportamento típico de cada um dos sexos (Acuña e Bruner, 2001). Sendo assim, o contato com a cultura brasileira possibilitou a observação de que as mulheres podem atuar em outro padrão de conduta, por exemplo, trabalhando, o que pode contribuir para diminuir a distinção de condutas típicas de cada sexo.

Os discursos podem render diferentes leituras. Aqui, tivemos a intenção de descortinar um modo possível de ler as concepções de gênero no Brasil e no país de origem, sempre nos lembrando de que as lacunas fazem parte do sujeito e do sentido. Diante de um cenário construído por discursos ambíguos, o que importa é a maior compreensão sobre o tema, considerando que a compreensão deixa sempre margem opaca, que não é facilmente identificada, permitindo múltiplas visões.

Devemos estar atentas ao fato de que os/as participantes desta pesquisa falam das mulheres e dos homens que circulam nos ambientes em que eles/as frequentam. Desse modo, as mulheres e os homens gaúchos, com os quais eles/as mantêm contato, não representam todos os homens e todas as mulheres brasileiros/as. Além disso, o discurso intelectual dos/as universitários/as pode ter influenciado provavelmente

esses resultados, os quais não podem ser generalizados para a população de imigrantes latinos em geral.

Por fim, podemos considerar que o presente artigo constituiu-se numa orquestra de vozes, na qual diferentes discursos, ao invés de diferentes instrumentos musicais, sincronizaram-se para dar lugar à música, nesse caso, as concepções de gênero no Brasil e no país de origem. No enredo desse trabalho, verificamos, na verdade, múltiplas mulheres e diferentes homens falando sobre as diversas formas de ser homem e mulher na América Latina, sem esquecer também que diferentes masculinidades e feminilidades são produzidas num mesmo contexto social (Connell, 1995). Assim, através desta pesquisa, conhecemos algumas das condições femininas e masculinas dos/as brasileiros/as e dos/as peruanos/as, paraguaios/as, chilenos/as, nicaraguenses, uma vez que estávamos à procura das diferenças e das singularidades, e não de uma identidade das mulheres e uma identidade dos homens.

## REFERÊNCIAS

- Acuña, L., & Bruner, C. (2001). Estereótipos de masculinidad y feminidad em México y em Estados Unidos. *Revista Interamericana de Psicología*, 35, 1, 31-51.
- Baldwin, J., DeSouza, E. (2001). Modelo de Maria and machismo: The social construction of gender in Brazil. *Revista Interamericana de Psicología*, 35, 1, 9-29.
- Beauvoir, S. (1980). *O segundo sexo: a experiência vivida* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Burin, M. (2004). Prefácio. In M. Strey, S. Cabeda, & D. Prehn (orgs.). *Gênero e cultura: Questões contemporâneas* (pp. 9-12). Porto Alegre: Edipucrs.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Coimbra, A. M. (2003). Histórias contadas em sala de aula: A construção da identidade social de gênero da mulher. In L. Lopes (org.). *Discursos de identidades: Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família* (pp. 209-232). Campinas: Mercado de Letras.
- Connell, R. (1995). Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*, 20, 2, 185-206.
- DeSouza, E. R., & Hutz, C. (1996). Reactions to refusals of sexual advances among U.S. and Brazilian Men and Women. *Sex Roles*, 34, 549-565.
- DeSouza, E. R., Pierce, T., Zanelli, J., & Hutz, C. (1992). Perceived sexual intent in the U.S. and Brazil as a function of nature of encounter, subjects' nationality, and gender. *The Journal of Sex Research*, 29, 2, 251-160.
- Dicionário enciclopédico ilustrado Veja-Larousse* (Vol. 10). (2006). São Paulo: Abril.
- Diekman, A., Eagly, A., Mladinic, A., & Ferreira, M. C. (2005). Dynamic Stereotypes about Women and men in Latin America and the United States. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36, 2, 209-226.
- Dutra, F. S. (2003). Letramento e identidade: (re)construção das identidades sociais de gênero. In L. Lopes (org.). *Discursos de identidades: Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família* (pp. 135-156). Campinas: Mercado de Letras.

- Félix-Ortiz, M., Newcomb, M., & Myers, H. (1994). A multidimensional measure of cultural identity for latino and latina adolescents. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 16, 2, 99-115.
- Fernandes, C. A. (2005). *Análise do discurso: Reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas.
- Ferreira, A. B. H. (2000). *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, M. C. F. L. (2001). *Glossário de termos do discurso*. Porto Alegre: UFRGS.
- Grantham, M. (2005). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In F. Indursky, & M. Ferreira (orgs.). *Michel Pêcheux e a análise de discurso: Uma relação de nunca acabar* (pp. 137-142). São Carlos: Claraluz.
- Hall, S. (2000). *A identidade cultural na pós-modernidade* (4ª ed.). Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Heilborn, M. L. (1998). Gênero: Um olhar estruturalista. In J. Pedro, & M. Grossi (orgs.). *Masculino, feminismo, plural: Gênero na interdisciplinariedade*. Florianópolis: Editora Mulheres.
- Heilborn, M. L., & Carrara, S. (1998). Em cena, os homens... *Estudos Feministas*, 2, 370-374.
- Kosminsky, E. (2004). Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York. *Cadernos Pagu*, 23, 279-328.
- Lauretis, T. (1993). Através do espelho: Mulher, cinema e linguagem. *Estudos Feministas*, 1, 96-122.
- Lauretis, T. (1994). A tecnologia do Gênero. In H. Hollanda (org.). *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura* (pp. 206-242). Rocco: Rio de Janeiro.
- Louro, G. (1995). Gênero, história e educação: Construção e desconstrução. *Educação & Realidade*, 20, 2, 101-132.
- Louro, G. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*, (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Lyra, J., & Medrado, B. (2000). Gênero e paternidade nas pesquisas demográficas: O viés científico. *Estudos Feministas*, 1, 145-158.
- Moreira Leite, M. L. (1980). A dupla documentação sobre mulheres no livro de viajantes (1800-1850). In M. Moreira Leite (org.). *Vivência, história, sexualidade e imagens femininas* (pp. 195-226). São Paulo: Brasiliense.
- Mutti, R. (1999). O que seria dos homens se não fossem as mulheres? Um estudo sobre a produção de sentidos. In V. Leffa & A. Pereira (org.). *O ensino da leitura e produção textual: Alternativas de renovação*. Pelotas: EDUCAT.
- Nicholson, L. (2000). Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, 8, 9-40.
- Orlandi, E. (2005). Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. *Estudos da Língua(gem)*, 1, 9-13.
- Padilla, A., & Perez, W. (2003). Acculturation, social identity, and social cognition: A new perspective. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 25, 1, 35-55.
- Pêcheux, M. (1990a). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (pp. 61-105). Campinas: Editora da Unicamp.
- Pêcheux, M. (1990b). *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.
- Pêcheux, M. (1995). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Pereira, V. L. (2004). Gênero: Dilemas de um Conceito. In M. Strey, S. Cabeda & D. Prehn (orgs.). *Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas* (pp. 173-198). Porto Alegre: Edipucrs.
- Pfeiffer, C. C. (2005). O fogo que desengessa e mobilize – uma entrada na obra de Michel Pêcheux. In F. Indursky & M. Ferreira (org.). *Michel Pêcheux e a análise de discurso: uma relação de nunca acabar* (pp. 167-172). São Carlos: Claraluz.
- Pyke, K., & Johnson, D. (2003). Asian American Women and Racialized Feminities: “Doing” gender across Cultural Worlds. *Gender & Society*, 17, 1, 39-53.
- Rodrigues, R. L. A. (2003). A arte de construir um menino ao contar histórias em família. In L. Lopes (Org.), *Discursos de Identidades: Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras.
- Santos, S. S. (2005). Inclusão: pontos cegos de um discurso pedagógico. *Aletheia*, 22, 41-50.
- Santos, G. M. (2006). A brasileira e suas representações: como as brasileiras na França percebem e reagem às representações que lhes são associadas. Trabalho apresentado no simpósio temático: Migrações do passado e do presente: uma análise cruzando gênero, etnicidade e preconceitos. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20, 2, 71-99.
- Silva, T. T. (2001). A produção social da identidade e da diferença. In T. Silva (Org.), *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.
- Strey, M. (2001). Violência e gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. In P. Grossi & G. Werba (orgs.). *Violências e Gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Strey, M. (2004). Violência de Gênero: uma questão complexa. In M. Strey, M. Ruwer & F. Jäeger (Orgs.), *Violência, gênero e políticas públicas*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Valentine, S., & Mosley, G. (2000). Acculturation and Sex-Role Attitudes Among Mexican Americans: A Longitudinal Analysis. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 22, 1, 104-113.
- Woodward, K. (2001). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In T. Silva (Org.), *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.

Recebido em: 07/07/2008. Aceito em: 26/10/2009.

#### Notas:

O presente trabalho é parte da Dissertação de Mestrado da primeira autora financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sob orientação da segunda autora.

<sup>1</sup> Os nomes dos/as participantes desta pesquisa foram trocados por questões éticas e confidenciais e, por isso, utilizaremos nomes fictícios.

<sup>2</sup> Ficar: Namorar sem compromisso, durante um curto espaço de tempo, às vezes por uma noite (*Dicionário Novo Aurélio*, 2000). Estabelecer relacionamento passageiro (*Dicionário Enciclopédico Ilustrado Veja-Larousse*, v. 10, 2006).

#### Autoras:

Roberta de Alencar-Rodrigues – Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela PUCRS, através da bolsa Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Doutoranda em Psicologia Social pela Universidad Autónoma de Barcelona (UAB), com apoio do Programa Alban, Programa de Bolsas de Alto-Nível da União Europeia para a América Latina.

Marlene Neves Strey – Professora titular da Faculdade de Psicologia da PUCRS, Coordenadora do Grupo de Pesquisa Relações de Gênero. Pesquisadora CNPq.

#### Enviar correspondência para:

Roberta de Alencar-Rodrigues  
Departament de Psicologia Social, Facultad de Psicologia  
Edifici B Campus de la UAB  
08193 – Belaterra (Cerdanyola del Vallès)  
Barcelona, España  
E-mail: <Roberta.Alencar@campus.uab.cat>

Marlene Neves Strey  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 11, 9º andar, sala 941  
CEP 90619-900, Porto Alegre, RS, Brasil  
E-mail: <strey@pucrs.br>